



**EIXO TEMÁTICO:**

- |  |   |  |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade                 | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade                | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **Fafe – Uma cidade portuguesa construída pelos “brasileiros de torna-viagem” na transição do séc. XIX para o séc. XX**

*Fafe - A Portuguese city built by the “torna-viagem Brazilians” at the turn of the nineteenth and twentieth centuries*

*Fafe – Una ciudad portuguesa construida por “imigrantes brasileños de nuestra tierra” a finales del siglo XIX y principios del siglo XX*

BASTOS, Daniel (1)

(1) Doutorando, Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia, UCP– FACFIL, Braga, PT, Portugal; e-mail: danielbastos1980@gmail.com



## **Fafe – Uma cidade portuguesa construída pelos “brasileiros de torna-viagem” na transição do séc. XIX para o séc. XX**

*Fafe - A Portuguese city built by the “torna-viagem Brazilians” at the turn of the nineteenth and twentieth centuries*

*Fafe – Una ciudad portuguesa construida por “imigrantes brasileños de nuestra tierra” a finales del siglo XIX y principios del siglo XX*

### **RESUMO**

Este artigo tem como principal objetivo evidenciar o papel estruturante que os “brasileiros de torna viagem” desempenharam na construção contemporânea da cidade portuguesa de Fafe. Situada no distrito de Braga, esta cidade minhota deve ao impacto positivo da emigração transatlântica oitocentista a construção de moradias apalaçadas, do Jardim Público, das primeiras escolas e asilos, dos primeiros polos industriais, da Associação Humanitária de Bombeiros, do Teatro-Cinema e do Hospital de São José, obra paradigmática da benemerência brasileira no concelho de Fafe. Inaugurado em 19 de Março de 1863, dia da festa litúrgica do santo patrono, o Hospital de São José, património da Santa Casa da Misericórdia de Fafe, por vontade expressa dos beneméritos “brasileiros” fundadores do estabelecimento, foi delineado no modelo arquitetónico do Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** fafe, brasileiros, emigração, hospital

### **ABSTRACT**

*This article aims to highlight the structuring role “torna-viagem Brazilians” played in the contemporary building of the Portuguese city of Fafe. Situated in the District of Braga, this Minho city owes the construction of Mansion Houses, the Public Garden, the first schools and asylums, the first industrial centers, the Firemen Humanitarian Association, the Teatro-Cinema building and the Hospital of São José (paradigmatic work of Brazilian benefaction in the municipality) to the positive impact of nineteenth transatlantic emigration. Opened in March 19, 1863, the liturgical feast day of its Patron Saint, the Hospital of São José, being the heritage of Santa Casa da Misericórdia of Fafe at the express wish of its “Brazilian” benefactors founders, was designed in the architectural model of the Hospital da Beneficência Portuguesa of Rio de Janeiro.*

**KEY-WORDS:** Fafe, Brazilians, emigration, hospital

### **RESUMEN:**

*Este artículo tiene como principal objetivo reivindicar el papel de los “imigrantes brasileños naturales de nuestra tierra” que desempeñaron en la construcción contemporánea de la ciudad portuguesa de Fafe. Situada en el distrito de Braga, esta inmigración transatlántica de finales del s XIX tuvo un impacto positivo en esta ciudad del Miño, en este periodo fueron construidos Palacetes, el Jardín público, las primeras escuelas y asilos, primeras industrias, el servicio Bomberos, teatro-cine y el Hospital São José, obra significativa de los inmigrantes brasileños en Fafe. Inaugurado el 19 de marzo de 1863, día de San José, patrimonio de la Santa Casa de la Misericordia de Fafe, fue construido siguiendo el modelo arquitectónico del Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro.*

**PALABRAS-CLAVE** fafe, brasileños, inmigración, hospital



## 1. INTRODUÇÃO

Operando a transição do Antigo Regime para o Regime Liberal, o séc. XIX baliza um período de mudanças significativas no decurso histórico português.

Centúria cronológica das vagas napoleónicas, do domínio inglês, da independência do Brasil, e de revoltas e contrarrevoltas catalisadoras do desmoronamento dos alicerces absolutistas, o séc. XIX estabeleceu na sociedade portuguesa as bases do sistema monárquico-constitucional.

Assente na paz civil e social, e no rotativismo partidário, o regime liberal assumiu na segunda metade de oitocentos, o desígnio político da Regeneração como matriz da ação governativa capaz de encarrear Portugal no caminho do progresso. Esta política de fomento material, impulsionada durante o governo de Fontes Pereira de Melo, ficou marcada pelo lançamento de um vasto programa de obras públicas ao nível de comunicações e transportes.

Percecionadas como vitais para o desenvolvimento, estradas, pontes e linhas ferroviárias rasgaram o território português, procurando conjuntamente com a chegada do telégrafo encurtar o atraso infraestrutural português. No entanto, esta política de crescimento socioeconómico, marcada ainda pelo incremento da atividade agrícola, comercial e industrial, pela reforma do código administrativo e fiscal, e pela abolição da escravatura e da pena de morte civil, seria essencialmente “implementada com o amplo recurso aos capitais e às tecnologias externos” (TELO, 1997, p: 660).

O agravamento da dependência externa acabaria por colocar a nu as debilidades estruturais nacionais, que assomando uma dívida externa desmesurada e um défice público excessivo agravariam consideravelmente a situação financeira do país acelerando a crise sistémica do regime monárquico-constitucional.

Apesar do considerável esforço de modernização intentado pela política fontista, cujo dinamismo potenciou na segunda metade do século XIX um considerável aumento demográfico, persistiriam na sociedade portuguesa acentuadas fragilidades estruturais expostas na permanência de uma dominante prática agrícola arcaica e de subsistência, de uma incipiente industrialização e uma profunda assimetria entre o mundo rural e urbano, o interior e o litoral.

Envoltos em precárias condições de vida levas massivas de camponeses encetaram neste período um percurso transatlântico rumo ao Brasil. Pressionados pela carestia de vida e baixos salários agrícolas, mais de um milhão de portugueses entre 1855 e 1914 atravessaram o oceano essencialmente seduzidos pelo crescimento económico da antiga colónia portuguesa.

## 2. FAFE – UMA CONSTRUÇÃO CONTEMPORÂNEA DOS “BRASILEIROS DE TORNA VIAGEM”

Procedente do mundo rural e eminentemente masculino, o fluxo migratório foi incisivo no Minho, “o solar da tradicional emigração portuguesa para o Brasil” (ALARCÃO, 1964, p. 522). E particularmente visível no concelho minhoto de Fafe, situado no distrito de Braga, de onde

saíram em direção ao Brasil entre 1831 e 1926 mais de 7.000 emigrantes, num universo populacional local que no alvorecer do séc. XX rondava os 25.000 habitantes.

Com o fluxo migratório primário a provir da esfera rural, o eldorado brasileiro passaria também a atrair membros das elites locais ávidas de reforçar o seu *satus quo*. Enobrecidos pelo trabalho, maioritariamente centrado na atividade comercial, e após uma vintena de anos geradores de um processo de interação social que os colocou em contacto com novas realidades, hábitos e costumes, o regresso ao torrão de origem trouxe consigo um espírito burguês empreendedor e filantrópico marcado pela fortuna, pelo gosto de viajar, e pelo fascínio cosmopolita da cultura e língua francesa.

Ainda que sintomática das debilidades estruturais do país, a emigração portuguesa para o Brasil funcionando como um “elemento necessário à solução dos sem trabalho no campo e na cidade, além de contribuir para o equilíbrio da balança comercial” (PASKES, 1990-1991, p: 83), facultou no caso do concelho de Fafe, através do retorno dos “brasileiros de torna-viagem”, os meios e recursos necessários para a transformação contemporânea do concelho.

Figura 1: Centro urbano da vila de Fafe

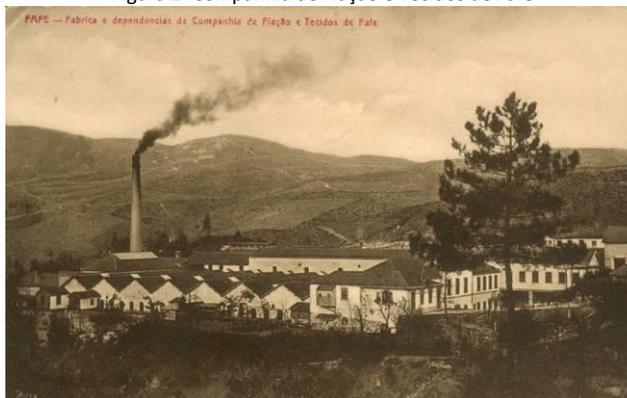


Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, 1.º quartel do séc. XX.

Como menciona o historiador Miguel Monteiro, recuando localmente à segunda metade do séc. XIX, encontramos nos “brasileiros” de Fafe aqueles que alcançando fortuna no Brasil, “construíram residências, compraram quintas, criaram as primeiras indústrias, contribuíram para a construção de obras filantrópicas e participaram na vida pública e municipal, dinamizando a vida económica, social e cultural” (MONTEIRO, 2004, p: 19).

De facto, ainda que a agricultura perdurasse como a principal atividade no campo económico, o município de Fafe, fruto da atividade industrial fomentada pelo capital brasileiro que alavancou nas décadas de 1870-80 a criação da Fábrica Têxtil do Bugio, e da Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe (Fábrica do Ferro), símbolos incontornáveis da indústria têxtil no Vale do Ave, assumia-se como um dos concelhos mais industrializados em Portugal.

Figura 2: Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX.

Figura 3: Fábrica Têxtil do Bugio



Fonte: Almanaque Ilustrado de Fafe, 1923.

Paralelamente à dimensão empreendedora, o retorno brasileiro assumiu em Fafe ainda uma feição benemérita que permitiu mitigar os poucos recursos da administração local e central. Num país profundamente iletrado, em que o índice de analfabetismo era extremamente elevado e a rede de ensino, limitado ao primário, cobria apenas uma parte exígua do concelho, as marcas do espírito filantrópico ficaram patentes na construção de escolas primárias, e no fôlego da imprensa local, que ainda na década de 1890 assistiu à fundação do jornal *O Desforço* e mais tarde ao *Almanaque Ilustrado de Fafe*, mananciais profícuos dos trajetos sociais, económicos e políticos dos patrícios brasileiros.

As iniciativas de natureza filantrópica brasileira, que abarcaram ainda no último quartel do século XIX o lançamento da Igreja Nova de São José (1895), a edificação do Asilo da Infância Desvalida (1877), a construção do Jardim Público (1892), símbolo do romantismo, e o surgimento da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários (1890), estão igualmente na génese instituidora do Hospital da Misericórdia de Fafe.

Figura 4: Igreja Nova de São José



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX.

Figura 5: Asilo da Infância Desvalida



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX.

Figura 6: Jardim Público



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX.

Figura 7: Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX.

Embora encarreirado numa dinâmica de desenvolvimento, que culminaria na transição de século na chegada do comboio, transporte que rasgou os horizontes do progresso económico e social, o concelho de Fafe, mantinha debilidades estruturantes características da sociedade portuguesa no início do séc. XX.

Figura 8: Estação do Caminho-de-ferro



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX.

Com a maioria da população a viver no meio rural em deficientes condições higiénicas, mal alojada e nutrida, ainda servidora de uma prática agrícola bastante arcaica e de subsistência, os índices de mortalidade eram elevados e assumiam contornos assoladores em períodos de intensos surtos epidémicos, como ocorreu aquando do flagelo da gripe pneumónica no primeiro quartel do séc. XX.

### **3. HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE FAFE – OBRA PARADIGMÁTICA DA BENEMERÊNCIA BRASILEIRA**

É neste contexto que, em meados da centúria oitocentista foi alicerçada a construção do Hospital da Misericórdia de Fafe, obra paradigmática da benemerência brasileira local. Num período em que o país atravessava um severo surto epidémico de “cólera-mórbus” e febre-amarela, causadoras de grande mortalidade, o médico Miguel António Soares, perante a inexistência de um estabelecimento hospitalar concelhio, e a crónica escassez de meios técnicos e humanos da administração local e central no campo da assistência, incitaria o seu filho, José Florêncio Soares, abastado e influente “brasileiro de torna-viagem”, a intermediar junto de patrícios no Rio de Janeiro a angariação de fundos para a construção de um Hospital na vila de Fafe.

Figura 9: Hospital da Misericórdia de Fafe



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX

Personagem paradigmática da emigração portuguesa para o Brasil, José Florêncio Soares, que emigrara para o Rio de Janeiro aos 13 anos, regressaria ao concelho de Fafe na segunda metade oitocentista, figurando em 1859 “como o segundo maior contribuinte do concelho, com 27\$619 reis de décima” (SILVA, 2010, p: 28).

Detentor de uma considerável fortuna, que o catapultaria no último quartel de oitocentos para a liderança do Partido Progressista em Fafe, assumindo por diversas vezes a presidência e a administração do Município, tornando-se paralelamente pioneiro no desenvolvimento industrial têxtil local com a construção da Fábrica do Bugio, José Florêncio Soares dinamizou com enorme sucesso no círculo da emigração fafense estabelecida na capital fluminense uma série de contactos que culminaram na doação de “cerca de cinco contos de reis moeda do Império brasileiro” (COIMBRA, 1997, p: 52).

Figura 10: José Florêncio Soares (1824-1900)



Fonte: Almanaque Ilustrado de Fafe, 1939

O espírito generoso que coroou a iniciativa permitiu em 8 Abril de 1858 a corporalização de uma comissão de subscritores fundadores liderada pelo comendador António Gonçalves Guimarães<sup>1</sup>, e onde assumiu igualmente papel de destaque o comendador Albino de Oliveira Guimarães<sup>2</sup>.

Figura 11: O comendador António Gonçalves Guimarães (†1869), de pé, presidente da Comissão de subscritores fundadores do Hospital da Misericórdia de Fafe, ladeado dos restantes membros instituidores



Fonte: Quadro a óleo de Abel Cardoso, 1901

<sup>1</sup>O comendador António Gonçalves Guimarães era proprietário da firma António Gonçalves Guimarães que abarcava os ramos de comércio de papel, e director do Banco do Brasil e do Banco Rural e Hipotecário, sendo em 1867 considerado pelo *Almanak Laemmert* como o principal capitalista da colônia portuguesa fafense no Rio de Janeiro.

<sup>2</sup>Era casado com Luiza Mendes de Oliveira Castro, filha do capitalista e comerciante fafense, António Mendes de Oliveira Castro, e de Castorina Angélica de Jesus Alves Pereira, senhorios da propriedade rural da Chácara dos Macacos, propriedade que hoje abriga a Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro. No trajecto de retorno o comendador Albino de Oliveira Guimarães teria um papel importante na transformação contemporânea do concelho de Fafe, estando associado à Fundação dos Bombeiros, à construção do Jardim do Calvário, à reorganização do semanário *O Desforço* e à edificação da Igreja Nova.

Figura 12: Comendador Albino de Oliveira Guimarães (1834-1908) e família



Fonte: Fundo fotográfico do Museu das Migrações e das Comunidades

Incumbida de gerir os donativos transatlânticos alcançados, o grupo de subscritores fundadores procurando agilizar no terreno pátrio a construção do estabelecimento hospitalar, nomeariam ainda no início de Abril, uma outra comissão em Fafe, encarregue da edificação. A Comissão edificadora do Hospital, formada essencialmente por emigrantes de retorno bem-sucedido, passou a representar para todos os efeitos e com plenos poderes os subscritores fundadores de quem recebia instruções e fundos.

Escorado na benemerência brasileira, o projeto do Hospital da vila de Fafe, entregue a José Florêncio Soares, seria por vontade expressa dos beneméritos “brasileiros” fundadores, delineado no modelo arquitetónico do Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro.

Figura 13: Hospital da Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro



Fonte: Foto do autor, 2012

Figura 14: Hospital da Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro



Fonte: Foto do autor, 2012



Ao estreitar os laços e vínculos da comissão instalada no Rio de Janeiro com o grupo edificador radicado em Fafe, a opção pela construção do estabelecimento hospitalar concelhio na linha arquitetónica da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro, uma associação marcada pelo espírito maçónico, indicia a inserção e trajetória dos fundadores numa “sociedade de pensamento de carácter cosmopolita e secreto, reunido homens de diferentes raças, religiões e línguas, com o objectivo de fazê-las alcançar a perfeição moral por meio do simbolismo de natureza mística e / ou racional, da filantropia e da educação” (BARATA, 2006, p: 27).

Nesta esteira, e perante a fluidez dos donativos alcançados no Brasil, a Comissão edificadora do Hospital requereria junto da autarquia a cedência de um terreno para a instalação do estabelecimento hospitalar. A pretensão seria prontamente deferida através da cedência gratuita de uma parcela no lugar denominado a Queimada.

No início de Setembro de 1858 a Comissão edificadora do Hospital procederia à celebração do contrato para construção do edifício com os mestres pedreiros, naturais de Braga, Francisco Thomaz Martins da Mota e António José Pereira, ajustando a obra pela quantia de 4:810\$145 reis, para um prazo de execução de 20 meses<sup>3</sup>.

O lançamento da pedra fundamental, ou seja, a cerimónia de colocação do primeiro bloco de pedra acima dos alicerces que solenizou a construção do Hospital<sup>4</sup> no concelho de Fafe, acabou por ocorrer no dia de Reis de 1859.

A abertura solene do estabelecimento hospitalar que a partir de 1862 passou a ser administrado pelo Santa Casa da Misericórdia de Fafe, formalmente instituída em Março desse ano pelas elites locais fomentadas pelo fenómeno migratório, ocorreu a 19 de Março de 1863, no dia da festa litúrgica do santo patrono que perdurou na designação oficial do Hospital.

A inauguração do Hospital de São José, que a imprensa da época singularizava como “padrão eterno de caridade e amor do próximo” erguido pelos “nossos bons irmãos no império do Brazil, e que nunca se esquecem do ninho seu paterno” (BASTOS, 2012, p: 50), contou com a presença do governador civil de Braga, o conselheiro Januário Correia de Almeida, previamente convidado pelo primeiro provedor da Misericórdia de Fafe, o bacharel António José da Silva e Castro.

A cerimónia de abertura do Hospital, que cumpria os “princípios da mais severa hygiene e pela sciencia e gosto moderno” (BASTOS, 2012, p: 54), computou ainda a presença simbólica do presidente da Comissão do Rio de Janeiro, o comendador António Gonçalves Guimarães, então a residir na capital portuguesa.

À espera da comitiva, anota a imprensa distrital, encontravam-se “ondas de povo, que tinha concorrido a presenciar tão grande festa”, reforçando a mesma que “desde manhã, que de toda a parte corriam milhares de pessoas para esta villa para assistirem e engrandeceram tão religiosa e caritativa solemnidade” (BASTOS, 2012, p: 51).

---

<sup>3</sup> A 6 de Dezembro de 1860, no Cartório da vila de Fafe, seria formalizado um “Instrumento de destrate”, que se traduziu no ajuste de contas entre os mestres pedreiros e a Comissão edificadora do Hospital legalmente representada pelo secretário José Florêncio Soares. Como os pedreiros tiveram que fazer na obra 78 braças e 93 palmos de alicerces e ainda 329 braças e 68 palmos de parede, a obra acabou por custar 5: 153\$100 réis, pelo que a comissão teve de despende mais 342\$955 réis.

<sup>4</sup> O edifício mede na fachada principal 24m, 50m de comprimento, 15,5m de altura, e o pé direito no interior 5,5m.

Figura 15: Hospital da Misericórdia de Fafe



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, início do séc. XX

Embora oficialmente inaugurado no alvorecer da Primavera de 1863, o Hospital da Misericórdia de Fafe abria apenas parcialmente à comunidade, como recordaria mais tarde a imprensa local: “Em 1863 já se fazia a abertura do Hospital, pelo menos, com uma enfermaria, e admissão de doentes que, em casa, nem tinham remédios, nem tinham roupas, nem tão poucos meios para se tratarem” (BASTOS, 2012, p: 57).

O estabelecimento hospitalar permaneceria até ao ocaso do séc. XIX em construção, ficando durante esse período parte da sua estrutura em esqueleto, que foi “sendo coberta conforme os minguados recursos que se obtinham daqueles que da Santa Casa se iam lembrando” (BASTOS, 2012, p: 57). Continuamente dependente dos contributos generosos dos “brasileiros de torna-viagem” e da comunidade local, a conclusão definitiva das obras do edifício acabariam por sofrer contratempos devido a contendas políticas entre Progressistas e Regeneradores.

Com a conclusão definitiva das obras a afigurarem-se como uma miragem no clarear do 3.º quartel do séc. XIX, o Hospital receberia neste período um novo e importante impulso da comunidade fafense transatlântica. Destacou-se nesta fase o papel fundamental do Comendador Albino de Oliveira Guimarães, cuja ação benemérita e empreendedora em Fafe se situou na linha expressa por Maria Beatriz Rocha-Trindade, de “brasileiros” que “tiveram uma importância inegável na vida portuguesa na segunda metade do século XIX, importância que transborda ainda para o presente” (TRINDADE, 1986, p: 146).

Na década de 1870, o antigo proprietário da chácara de Botafogo, liderou a Comissão organizadora de um Espetáculo de Beneficência no Teatro Lírico Fluminense, no Rio de Janeiro, cujos proponentes, unidos por laços pátrios procuravam “contribuir quanto em si caiba para a prompta conclusão do Hospital de Caridade da Villa de Fafe” (BASTOS, 2012, p: 560).

A representação da peça “O Guarany” no dia 7 de Abril de 1875, numa emblemática casa de espetáculos que exerceu na sociedade oitocentista fluminense “grande atracção para os abastados” (BORGES, 2001, p: 63), acabaria por render a importante soma de 2:374\$745 reis.

Membro integrante da Comissão de fundadores do Hospital, Albino de Oliveira Guimarães, regressaria no final do séc. XIX definitivamente ao torrão natal, tornando-se num dos mais abastados proprietários locais e assumindo a liderança da Misericórdia entre 1896 e 1897.

Ainda que concluído no crepúsculo do séc. XIX, o Hospital da Misericórdia de Fafe iniciou desde a sua abertura parcial em 1863 a sua atividade no campo da saúde. Destinado a receber os doentes pobres do concelho, mas também da comarca, disposição que alargou os horizontes geográficos da instituição, a unidade de saúde começou a funcionar com uma

enfermaria que meio ano após a inauguração tinha “quase sempre em tratamento seis doentes” (BASTOS, 2012, p: 64), que eram admitidos consoante os fundos existentes para o custeamento das despesas dos enfermos.

Desempenhando um papel relevante no atendimento e tratamento de doentes, e no amparo aos oriundos dos estratos sociais desfavorecidos, dado o peso de uma mundividência em que os doentes eram tratados em casa, condição somente acessível aos mais abastados, o Hospital da Misericórdia durante os primeiros anos de atividade acolheu mais de meio milhar de doentes, maioritariamente criados de servir e jornaleiros.

Dependentes dos proprietários de terras, sujeitos às agruras de uma vida dura de trabalho numa agricultura arcaica e de subsistência marcada pela rotina das estações do ano e alterações do estado do tempo, estes trabalhadores que não “possuíam mais do que a sua força de trabalho que vendiam” (FERRAZ, 2008, p: 240), compunham uma realidade social constantemente carecida de auxílio.

Com um registo médio de meia centena de enfermos acolhidos por ano, o fluxo de internamentos no Hospital da Misericórdia de Fafe ao longo da sua secular atividade, revela um numeroso quadro de doentes afetados por doenças infecciosas, concretamente tuberculose, pneumonia e bronquite, assim como um quadro de moléstias dermatológicas como a anasarca.

O centenário Hospital da Misericórdia de Fafe conseguiria ultrapassar cíclicas crises económicas, políticas e sociais, mediante a aglutinação de vontades, a diluição de diferenças e uma capacidade única na conjugação de esforços para a promoção de sentimentos generosos.

Neste campo, a generosidade dos “brasileiros de torna-viagem” seria ao longo da profícua atividade do Hospital da Misericórdia essencial para assegurar o esforço de apetrechamento e modernização do estabelecimento, contexto que na segunda metade do séc. XX guindou a unidade de saúde numa missão de prestação de cuidados de saúde transversal na região.

Figura 16: Hospital da Misericórdia de Fafe



Fonte: Coleção de Postais do Município de Fafe, segunda metade do séc. XX

De facto, o aumento da capacidade de resposta do Hospital da Misericórdia de Fafe, que passou a receber e a tratar mais doentes na segunda metade do séc. XX, foi possível graças a um conjunto expressivo de donativos recolhidos pelo então diretor clínico da unidade de saúde, o médico Maximino de Matos, junto da comunidade emigrante fafense radicada no Brasil.

Designadamente junto da família do comendador Manuel Gonçalves, importante industrial no Estado de Alagoas, e dos conterrâneos António Gonçalves de Oliveira, que acumulou fortuna

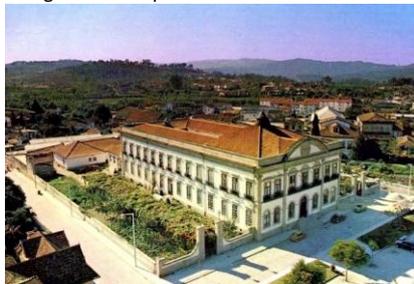
na mesma região brasileira; Agostinho Gonçalves, relevante industrial no Estado de Sergipe, e de José Gonçalves de Oliveira, sócio de uma casa comercial na mesma região do Brasil.

O envio destes donativos transatlânticos, que perfizeram o valor de quinze mil escudos, permitiram em 1941 dotar a sala de operações da unidade de saúde com uma nova mesa de operações, um aparelho de carbogênio e diverso material médico – cirúrgico.

A melhoria significativa das condições de tratamento aos pacientes do Hospital da Misericórdia de Fafe desencadeou neste período um processo irreversível de inclusão social, passando a unidade de saúde a prestar “a ricos e pobres, uma assistência notável” (BASTOS, 2012, p: 180).

No decurso da Revolução de Abril de 1974, “principal linha divisória na formação do Portugal contemporâneo” (WOOLLACOTT, 1983, p: 1131), o Hospital da Misericórdia de Fafe seria nacionalizado, passando desde essa altura até aos dias de hoje a estar integrado no Serviço Nacional de Saúde.

Figura 17: Hospital da Misericórdia de Fafe



Fonte: Coleção particular, década de 1970

Figura 18: Hospital da Misericórdia de Fafe



Fonte: Foto do autor, 2014

Figura 19: Hospital da Misericórdia de Fafe



Fonte: Foto do autor, 2014

Embora a evolução acima referida, decorrente de uma estratégia do poder político democrático de implementação “do sistema de saúde, a gratuidade, a gestão descentralizada e participada e o carácter supletivo do sector privado” (SERAPIONI & SESMA, 2011, p: 611), tenha implicado obras de profunda reabilitação do edifício, o Hospital de São José, propriedade da Santa Casa da Misericórdia e fundado na segunda metade do séc. XIX pela benemerência brasileira em Fafe, continua até aos dias de hoje a prestar relevantes cuidados de saúde à população do concelho e da região.

#### 4. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A transição do séc. XIX para o séc. XX em Fafe correspondeu a uma época de significativas transformações no paradigma de desenvolvimento socioeconómico e demográfico concelhio.

Esse período de progresso na vila minhota não passou despercebido à percepção naturalista do escritor José Augusto Vieira, que na sua descrição do concelho no último quartel do séc. XIX assegurava que Fafe empreendia uma “phase crescente de prosperidade” e “as construções particulares ahi estão na sua abundância para o comprovar, tanto mais que em muitas se lê o sorriso da abastança alegre, que deve animar a physionomia dos seus proprietários” (VIEIRA, 1986, p: 567).

A “abastança alegre” que o escritor naturalista encontrou em Fafe tinha o cunho dos “brasileiros de torna-viagem” que moldaram profundamente a sua terra de origem. Como aponta Miguel Monteiro, “em meados do século XIX, Fafe é terra de brasileiros ricos que vivem de proventos prodigiosos, gente que se veste a rigor, constelados de anéis e com filhos educados no estrangeiro” (Monteiro, 2004, p: 46).

Mergulhados num processo de sociabilidade que os colocou em contacto com novas tradições, hábitos e costumes, e “aristocratizados” pela fortuna que alguns conseguiram almejar, ao “brasileiro de torna viagem” se deve o desenvolvimento que Fafe empreendeu no ocaso do século XIX, “onde, para além das belas residências apalaçadas, compra quintas, cria as primeiras indústrias locais e deixa marcas do seu espírito filantrópico” (Monteiro, 2004, p: 47).

O escritor José Augusto Vieira também constatou esse espírito filantrópico patenteado localmente no principal legado da benemerência brasileira: “Os edifícios públicos, que mereçam especial menção, ainda são poucos, ou quasi se limita o seu número ao bello hospital construído em 1860, no largo de D. Pedro V” (VIEIRA, 1986, p: 567).

Resultado de um projeto coletivo de construção delineado pelos “brasileiros de torna-viagem” na transição do séc. XIX para o séc. XX, o concelho de Fafe encerra ainda hodiernamente as marcas identitárias profundas do processo migratório transatlântico.

Essas marcas, profusamente estudadas pelo saudoso mestre Miguel Monteiro<sup>5</sup>, e que levaram o Município de Fafe a instituírem no início do séc. XXI o Museu das Migrações e das

---

<sup>5</sup> O mestre Miguel Monteiro foi o principal responsável pela afirmação nacional e internacional da marca de Fafe como a capital dos “brasileiros de torna-viagem”, através da sua capacidade de estabelecimento de parcerias com a UNESCO, a Fundação Casa de Rui Barbosa (Brasil), e a Federação das Associações Portuguesas de França, assim como pela organização de importantes encontros internacionais, que propagaram a herança e os profundos laços históricos que unem o concelho de Fafe à nação brasileira.

Comunidades, encontram-se vertidas do ponto de vista patrimonial na arquitetura dos “brasileiros de torna-viagem”.

Imagem de marca do centro urbano de Fafe, esta arquitetura “brasileira” marcada pelo gosto Arte Nova, encontra-se presente num conjunto expressivo de casas apalaçadas construídas por “emigrantes de retorno, e que representam a afirmação pessoal e a ascensão social do seu proprietário transatlântico.

Figura 20: Centro urbano de Fafe



Fonte: Foto do autor, 2014

Figura 21: Centro urbano de Fafe



Fonte: Foto do autor, 2014

Do ponto de vista arquitetónico, estes palacetes de grandes dimensões, envolvidos por jardins tropicais e fechados com portões de ferro, sobressaem pelas “guias verticais a toda a altura, em cantaria, fachadas rebocadas e caiadas ou cobertas de azulejos. As varandas estreitas, quase sempre a toda a largura do prédio, possuem guardas de ferro forjado ou fundido ricamente ornamentadas” (MONTEIRO, 2004, p: 171).

A gramática da arquitetura das casas dos “brasileiros” de Fafe, onde avultam ainda vastas salas e aposentos, escadarias em madeira, luxuosas ornamentações, tetos em estuque e emblemáticas claraboias, encontra-se plasmada em dois edifícios emblemáticos do concelho de Fafe.

Designadamente na casa apalaçada vertical do início do séc. XX localizada na Rua Major Miguel Ferreira, e que alberga atualmente o Arquivo Municipal de Fafe. Construída em 1912 pelo conceituado negociante em Manaus e Pará, João Alves de Freitas, este centenário palacete que nas décadas de 1960-70 albergou o antigo Grémio da Lavoura de Fafe encerra características singulares da arquitetura dos “brasileiros de torna-viagem”: fachada ampla e

rebocada, painéis de azulejos, jardim tropical, portões de ferro, vastas salas, escadaria de madeira, tetos em estuque e uma emblemática claraboia.

Figura 22: Palacete do Arquivo Municipal de Fafe



Fonte: Foto do autor, 2014

Igualmente moradia de referência da arquitetura “brasileira”, o Clube Fafense, espaço centenário de sociabilidade localizado na Rua António Saldanha apresenta características próprias da arquitetura dos “brasileiros de torna-viagem”. Construída no centro da vila em 1882 pelo “brasileiro” Joaquim Novais Coutinho, que enriqueceu no Pará, nesta casa apalaçada, cuja fachada ricamente ornamentada remata em platibanda de cantaria, ainda se observam inclusivamente os azulejos de cor amarela, verde e azul, símbolos do Brasil.

Figura 23: Palacete do Clube Fafense



Fonte: Foto do autor, 2014

Figura 24: Azulejos do Palacete do Clube Fafense



Fonte: Foto do autor, 2014



## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Alberto de. *Êxodo rural e atração urbana no Continente*. Lisboa: Análise Social, 1964.
- BASTOS, Daniel. *Santa Casa da Misericórdia de Fafe – 150 anos ao Serviço da Comunidade*. Fafe: SCMF, 2012.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada & Independência do Brasil (1790-1822)*. São Paulo: UFJF, 2006.
- BORGES, Valdeci Rezende. *Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 2001.
- COIMBRA, Artur. *Os “Brasileiros” e a Assistência em Fafe (segunda metade de século XIX)*. Fafe: Dom Fafes, 1997.
- FERRAZ, Norberto Tiago Gonçalves. *O Tratamento de Doentes no Hospital de Cabeceiras de Basto (1869-1930)*. Leão: Estudos Humanísticos, 2008.
- MONTEIRO, Miguel. *Fafe dos “Brasileiros” (1860-1930). Perspectiva histórica e patrimonial*. Fafe: Empresa do Diário do Minho, 2004.
- PASKES, Maria Luísa Nabinger de Almeida. *Notas sobre os imigrantes portugueses no Brasil (séc. XIX e XX)*. São Paulo: R. História, 1990-1991.
- SERAPIONI, M.; SESMA, D. *A participação dos cidadãos nos sistemas de saúde dos países da Europa do Sul: Portugal, Itália e Espanha. Resultados preliminares de um estudo comparativo*. Lisboa: Sociologia On Line, 2011.
- SILVA, Luís Gonzaga Ribeiro Pereira. *Fafenses nascidos no séc. XIX. Perspectiva Histórico – Biográfica*, Fafe: CMF, 2010.
- TELO, António José. *Treze teses sobre a disfunção nacional – Portugal no sistema internacional*. Lisboa: Análise Social, 1997.
- TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. *Refluxos culturais da emigração portuguesa para o Brasil*. Lisboa: Análise Social, 1986.
- VIEIRA, José Augusto. *O Minho Pittoresco*. Valença: Rotary Clube de Valença, 1986.
- WOOLLACOTT, John. *A luta pela libertação nacional na Guiné – Bissau e a Revolução em Portugal*. Lisboa: Análise Social, 1983.